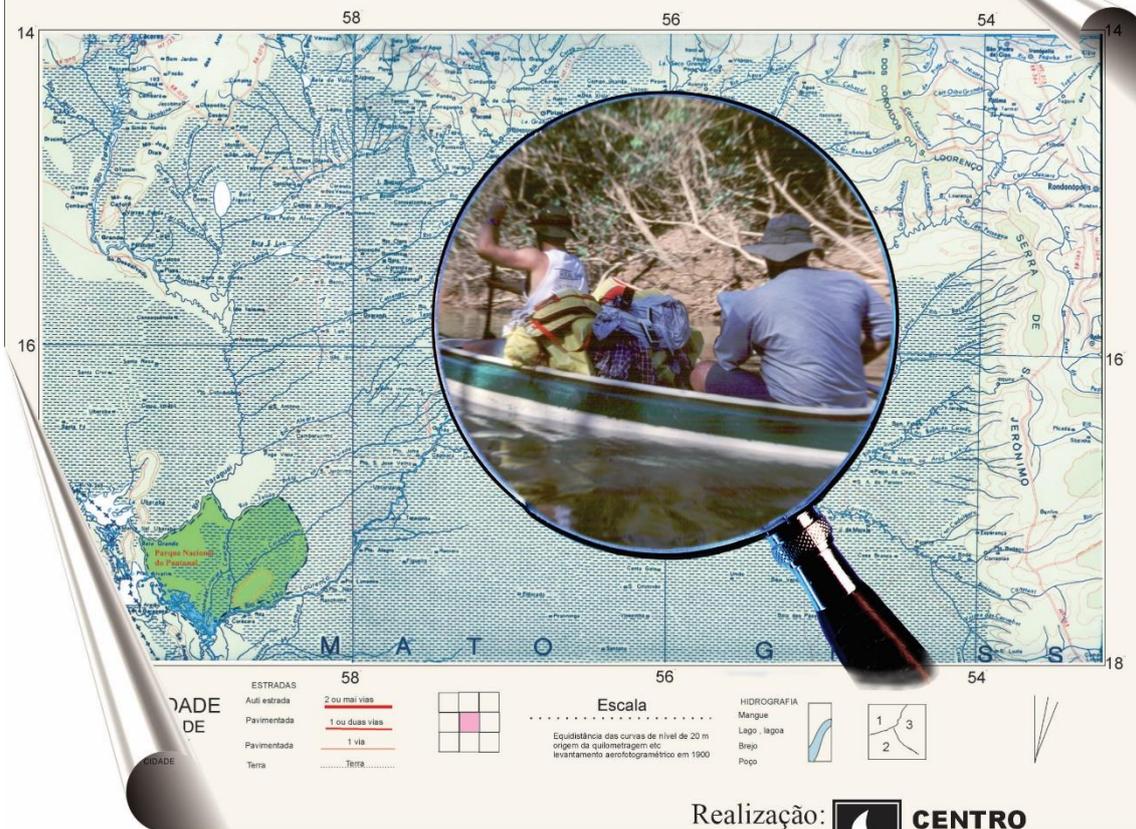


# Expedição Piquiri 99

## MATO GROSSO



Realização:



**CENTRO  
EXCURSIONISTA  
UNIVERSITÁRIO**

Apoio:



**DROGASIL**

## EXPEDIÇÃO PIQUIRI 99 UMA AVENTURA BEM SUCEDIDA

Era um fim de tarde muito quente de setembro, a temperatura rondou os 40° o dia todo, dificultando bastante o nosso trabalho de acondicionar os quase 150 Kg de carga dentro das canoas. Após 6 longos meses de preparativos, nossas velhas canoas canadenses finalmente tocaram pela primeira vez as águas do Rio Piquiri. Na verdade, era a concretização de um antigo sonho de conhecer o coração do Pantanal Mato-grossense remando pequenas e frágeis canoas.

A nossa frente, 700 km de rio nos aguardavam, atravessando uma das últimas regiões selvagens do planeta. Entraríamos no Rio Piquiri sob a ponte da BR-163, que liga Campo Grande a Cuiabá e remaríamos até o Rio Paraguai, no Parque Nacional do

Pantanal Mato-grossense; deste ponto até Corumbá pegaríamos uma chalana para vencer estes últimos 200 Km, trecho em que o rio se torna muito largo e desinteressante.

Havíamos pesquisado bastante sobre o rio, comprado mapas detalhados de todo o percurso e tentado prever, o máximo possível os problemas que enfrentaríamos em cada trecho. Contávamos com dois GPSs, para a navegação, mas, apesar de tudo isso, não fazíamos a menor ideia do que encontraríamos pela frente, ou de como realmente seria o rio.

Como dispúnhamos de apenas 30 dias e deveríamos reservar uns 2 dias para a viagem de chalana, teríamos que remar, no mínimo, 25 Km por dia. Parecia fácil; em viagens anteriores esta marca tinha sido facilmente ultrapassada; mas dependendo das condições ou dificuldades do rio, esta distância poderia se tornar uma meta inatingível. Baseados na experiência anteriores, estabelecemos como meta a distância de 40 Km por dia. Assim, cobriríamos o percurso em aproximadamente 18 dias, restando 10 para parar nos lugares onde gostássemos mais.

Não contaríamos com qualquer tipo de ajuda externa, nem equipe de apoio, nem abastecimento de alimento ou qualquer tipo de resgate em caso de emergência. Nosso equipamento de comunicação se restringia a dois pequenos rádios que nos permitia a comunicação entre as canoas; estávamos literalmente isolados do mundo.

Por causa disso, o planejamento e a logística da expedição não poderia apresentar falhas e teve que ser revisto, em seus mínimos detalhes, muitas e muitas vezes; nada podia faltar, de remédios para os mais variados tipos de enfermidade a equipamentos para cada uma das atividades diárias, mas também nada de supérfluo ou em excesso poderia ser levado, pois o espaço interno das canoas era bastante limitado, tendo que acomodar, além da carga, os dois remadores.

Os problemas eram muitos. Para começar, tínhamos que ter comida para 4 pessoas, pelo período de 35 dias, incluindo cafés da manhã, lanches e jantares. Embora planejássemos ficar no máximo 30 dias, 5 dias de comida a mais, garantiriam a alimentação no caso de atrasos ou do surgimento de algum imprevisto.

Só para os GPSs, rádios, lanternas e flashes, eram necessárias 250 pilhas.

O equipamento fotográfico era indispensável, pois um dos principais objetivos da expedição era fotografar o pantanal, mas exigia um cuidado adicional, pois além de não poder molhar, os 50 filmes levados por cada fotógrafo tinham que ser acondicionados de forma que ficassem a uma temperatura amena.



*Em Rondonópolis esperando o ônibus*

Os equipamentos de acampamento e cozinha, por mais exíguos que fossem, ocupavam bastante espaço nas canoas, nos obrigando a restringir nossas roupas a um agasalho para dormir, uma blusa de frio, uma bermuda e 3 camisetas, além do indispensável chapéu, claro. Todo o material tinha que ser acondicionado em sacos estanques, pois a possibilidade de uma virada, com as canoas, embora pouco provável, não estava descartada.

A água potável era outro problema sério. Embora estivéssemos literalmente cercados de água, beber diretamente do rio não era recomendável. Contávamos com filtros em caso de necessidade, mas tentaríamos abastecer os galões em eventuais casas de moradores que encontrássemos ao longo do caminho. Levaríamos 20 litros de água, por canoa, o que nos garantia uma autonomia de 4 dias sem reabastecer.

Enfim, após solucionados todos os problemas, o volume e o peso da carga resultante eram consideráveis e tinham que ser acondicionados nas duas pequenas canoas. Por diversas vezes nos questionamos se conseguiríamos acomodar tudo naquele pequeno espaço. Não era possível testar a arrumação da carga nas canoas, pois elas já nos aguardavam em Cuiabá. Nesta hora, a experiência adquirida nas viagens anteriores foi fundamental.

As embarcações eram duas velhas canoas, tipo canadense, pertencente ao Centro Excursionista Universitário, de São Paulo, entidade a que pertencíamos e da qual participamos como instrutores de várias modalidades de esportes considerados radicais. Com 5,50 metros de comprimento e apenas 80 cm de largura, estas canoas apresentam excelente performance, permitindo desenvolver boa velocidade e cobrir longas distâncias diárias, embora sua pequena largura as tornassem um pouco instáveis. Comportavam 150 Kg de carga e dois remadores, posicionados um na proa e um a ré.



*Prontos para sair*



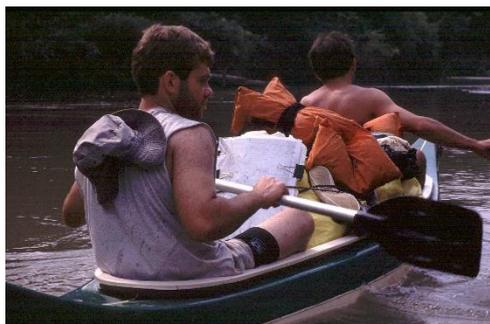
*Minha visão do rio*

Ao remador de trás competia a nem sempre fácil tarefa de direcionar a embarcação conduzindo-a ao longo do percurso; por este motivo, deveria ser o remador mais experiente.

Dos integrantes da expedição, apenas a Pamela, minha mulher, podia ser considerada como novata. Embora tivesse treinado bastante e estivesse com bom preparo físico, era sua primeira grande aventura. Todos os outros já haviam participado de outras expedições e tinham bastante experiência, embora

especificamente em canoagem só eu e o Alexandre, que há muito tempo remávamos juntos.

Quando finalmente terminamos a arrumação da carga, já eram 4 e meia da tarde, mas resolvemos sair remando apenas para nos afastarmos um pouco da ponte e da rodovia, procurando um local mais tranquilo para acampar. Após 1,6 Km (a menor quilometragem feita em um dia), paramos e montamos acampamento.



*Dupla Alexandre e Marcelo*



*Obstáculos no rio*

No dia seguinte, após um café da manhã reforçado, partimos cedo, toda aquela ansiedade que nos acompanhara nos dias que antecederam ao embarque, de repente se transformara em uma sensação de total liberdade; o céu apresentava-se cinza, devido ao grande número de queimadas na região, de forma que o sol só apareceu por volta das 10:00 da manhã. O dia parecia nublado por causa da

fumaça e começava a se tornar abafado.

Neste primeiro trecho do rio, que durou 5 dias, ele era bastante estreito, com aproximadamente 10 a 15 metros de largura, correnteza bastante forte e curvas muito fechadas; em alguns pontos, as árvores das margens opostas quase se tocavam, formando um túnel. Para dificultar mais o percurso, encontrávamos muitas árvores caídas, com suas galhadas fechando boa parte do rio e obrigando os remadores a grandes esforços para fazer curvas fechadas evitando bater nelas que, via de regra, tinham espinhos.

Como estávamos na época da seca, que vai de março a dezembro, o rio estava baixo, nos contemplando com um grande número de pequenas e belas praias. Na hora de acampar, bastava escolher uma e montar as barracas.



*Acampamento*



*Filhote de veado campeiro*

Por ser uma região bastante isolada e com poucas fazendas, a quantidade de animais que avistávamos era muito grande; jacarés, capivaras, araras e ariranhas eram os mais frequentes, mas bandos de macacos também apareciam vez por outra, proporcionando um magnífico espetáculo.

O Pantanal Mato-grossense é a maior área úmida contínua do planeta.

Consta que os primeiros exploradores, ao se depararem com o Pantanal, na época da cheia, chegaram a acreditar que se tratava de um grande mar interior: o lendário mar de Xaraés.

Nossa rotina diária era acordar por volta da 5:30 horas tomar um café da manhã reforçado, acondicionar a carga nas canoas e partir, quase sempre antes das 8:00 da manhã, para aproveitar a hora mais fresca do dia. Fazíamos paradas para descansar, comer e nos refrescar, a cada 10 Km remados. O período da manhã era sempre o mais produtivo.

Por volta do meio dia parávamos em uma sombra e esperávamos até as 14:00 horas, para o calor diminuir; a tarde o rendimento era menor



*Parada para descansar*



*Pequeno corixo*

devido ao calor excessivo e o cansaço acumulado. As 16:00 horas, parávamos, montávamos as barracas e tomávamos um longo e refrescante banho de rio.

Deitávamos cedo todas as noites; depois do jantar não havia praticamente nada a fazer a não ser conversar um pouco, mas rapidamente o cansaço vinha cobrar seu preço pelo longo dia que havia ficado para trás.

Ao fim de poucos dias estávamos exaustos; nos primeiros acampamentos as noites eram longas e intermináveis, pois deitando muito cedo, acordávamos no meio da noite, já sem sono e

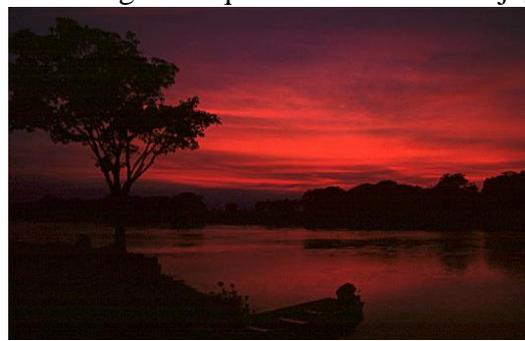
ficávamos rolando no saco de dormir. Agora, mesmo que acordasse no meio da noite, ficávamos torcendo para o dia demorar a raiar, só para repousar um pouquinho mais. A partir do 6º dia, quando encontramos o Rio Correntes, nosso rio começou a aumentar de largura, chegando a ter 50 metros em alguns pontos, mantendo uma boa correnteza, o que nos permitiu mantermos uma média bastante próxima dos 40 km previstos.

O cansaço incomodava cada vez menos; aparentemente nossos músculos estavam se habituando àquele tipo de exercício, de modo que as distâncias percorridas a cada dia começaram a aumentar significativamente.

O 16º dia foi um dia marcante, pois chegamos ao hotel Porto Jofre, após remar 58 Km em quase 10 horas; foi a distância mais longa que fizemos em um dia, mas, valeu a pena.

A cervejada foi descomunal e a comilança desenfreada; ficamos o dia seguinte inteiro só comendo e bebendo o dia todo, com um breve passeio pela rodovia transpantaneira no final da tarde.

Nós já havíamos remado 520 Km, mas queríamos chegar até o Rio Paraguai, 180 Km rio abaixo. Era nossa meta; assim, por mais gelada que estivesse a cerveja, partimos cedo para esta nova etapa da nossa expedição. O rio agora tinha mais de 100 metros de largura, as águas eram bem mais barrentas e a quantidade de bichos bem menor. Alguns trechos chegavam a ser um pouco monótonos; as praias eram raras e o fundo do rio era lodoso, dificultando os banhos e aumentando o perigo de se pisar em uma arraia venenosa. Para piorar as coisas, o Marcelo começava a sofrer com um pouco de asma.



*Amanhecer no Rio São Lorenzo*

Demoramos mais 3 dias para chegar ao Parque Nacional do Pantanal Mato-grossense.

Deste ponto até o Rio Paraguai, ponto onde tomaríamos a chalana, eram apenas mais 7 Km; havíamos remado 680 Km e nossa expedição se aproximava de seu final. Acampamos junto à casa de um morador local, o céu estava bastante estrelado e, de dentro de meu saco de dormir, fiquei pensando: eu não trocava estas estrelas pelas 5 de nenhum hotel.

A chegada ao Rio Paraguai foi emocionante, finalmente, após 23 dias remando, tínhamos conseguido atingir nossa meta. As montanhas da Serra do Amolar, já quase na divisa com a Bolívia, podiam ser vistas a nossa direita, formando um cenário de grande beleza; na margem oposta, porém, a paisagem começou a se mostrar desoladora. Dezenas de barracos paupérrimos transformavam aquele trecho do rio em uma grande favela, diferente das existentes nas grandes cidades apenas pelo fato de os barracos serem mais espaçados um dos outros. Havia grande quantidade de lixo por todo lado e a água do rio era suja.

Não havia como acampar ali; remando um pouco mais, encontramos uma pequena praia, deserta e isolada, onde acampamos.

Ao amanhecer, decidimos seguir até Porto Amolar; o lugar era deprimente; meia dúzia de casas, sem infraestrutura nenhuma, com um povo pobre e muito sujo. Não havia água potável e os moradores bebiam do próprio rio, que era imundo. A espera foi longa e cansativa, mas pouco depois da 10:30 h da noite, ouvimos o barulho de um barco se aproximando e, pouco depois, vimos suas luzes. Usamos todas as lanternas que tínhamos para sinalizar ao barco para que parasse; não podíamos correr o risco de não sermos vistos, pois não sabíamos quando haveria outra chalana e ficar mais um dia que fosse

naquele lugar horroroso era impensável.

Conseguimos embarcar toda nossa carga, inclusive nossas canoas; dependuramos nossas redes e dormimos, exaustos. A viagem teve um atraso de 12 horas; não havia água potável no barco e a comida servida era muito ruim, mas chegamos à Corumbá sem maiores contratempos.

Era estranho estar de volta à civilização após um longo tempo afastado dela. As pernas estavam desacostumadas a andar, após tanto tempo sentado e remando, em média, 8 horas por dia. Sentados à mesa de um restaurante, degustando um saboroso e refrescante vinho branco, passamos a avaliar nossa viagem; contratempos haviam surgido, mas havíamos conseguido sempre superá-los de forma eficiente e seguir em frente. Estávamos cansados, porém felizes.

Mais Fotos:



*Acampamento*



*Navegando*



*Filhote de anta*



*Baby a capivarinha*



*Piranha*



*Arara*